

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

O TRABALHO DE MULHERES ARTESÃS NA CIDADE DE PARINTINS

Bianca Repolho da Silva ¹

Arcângelo da Silva Ferreira²

Resumo: O presente artigo elucida o trabalho de mulheres artesãs na cidade de Parintins- AM. Como metodologia, utiliza-se a *historial oral* a partir dos pressupostos de Portelli (1997). A perspectiva histórica gira em torno das reflexões de Jin Sharpe (2002): *a história vista de baixo*. Busca-se narrar desde sujeitos históricos invisibilizados .

Palavras-Chaves: Artesãs, Artesanato, Trabalho, Parintins-Amazonas.

¹ Acadêmica do 8º período do curso de História da Universidade do Estado do Amazonas, biancarepolho.silva@gmail.com

² Professor do curso de História da Universidade do Estado do Amazonas- CESP (Centro de Estudos Superiores de Parintins) asf1969@outlook.com

Introdução

Este trabalho de investigação histórica surgiu das indagações relacionadas às minhas experiências vividas quando desenvolvia a função de comerciária em uma loja especializada em vendas de produtos artesanais. Em frente deste estabelecimento comercial existe um espaço onde trabalhadoras artesãs fabricam e também comercializam seus objetos de artesanato. Acompanhei a responsável pela compra e venda do artesanato, vivenciei a negociação dos objetos, todos produzidos manualmente, para que, naquele momento, fossem vendidos na referida casa comercial. Percebemos, nesse processo, que eram as mulheres que estavam à frente das negociações; poucas vezes negociava-se com homens. Fato que agradava a pessoa encarregada, autorizada pela loja, pela comercialização dos artesanatos, pois entendia que as artesãs tinham maior compreensão na hora de vender seus produtos. Pressupõe-se que as mulheres apenas comercializavam os objetos de arte. Em princípio, ignorava-se que mantinham o domínio desse ofício desde a fase inicial, quando da escolha da matéria prima, até a negociação do objeto de arte.

Gradativamente, fui me envolvendo com a temática. Nesse sentido, escolhi a trajetória histórica das artesãs como objeto de interesse de meu Trabalho de Conclusão de Curso na Graduação em História na Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins – UEA/CESP. No processo da investigação percebi que o desenvolvimento do trabalho das artesãs na cidade proporciona a fabricação dos mais diferentes objetos de sowerir. Depreende-se daí que, paralelo ao trabalho masculino, às artesãs fabricam quantitativamente e qualitativamente uma parte significativa desses produtos, deixando transparecer, assim, a diversidade e alteridade no bojo desse ofício.

Uma das peculiaridades do trabalho artesanal que se inscreve na cidade de Parintins é, por um lado, a apropriação de técnicas e aspectos culturais que chegam de outras regiões, brasileiras e estrangeiras, posto que, desde os anos de 1980, ocorre certa frequência de pessoas artesãs, vindas de países da América do Sul, mais especificamente, Uruguai, Colômbia, Peru; ao lado disso, a significativa influência de migrantes do Nordeste e do Pará. Outra peculiaridade é o aperfeiçoamento da arte, isso demandado, talvez, pelo Festival Folclórico de Parintins. Assim, ocorre em Parintins, uma cultura artesã que acompanha o fazer-se artista por meio das experiências relacionadas ao trabalho desenvolvido para a preparação do referido festival. O Festival Folclórico de Parintins, usando um conceito da historiadora Natalie Zemon Daves, torna-se um *campo*

de possibilidade (GINZBURG, 1989, p. 183), para buscar compreender os movimentos, as transformações, em que o trabalho artesanal está envolvido, essencialmente o trabalho feminino.

Portanto, busco analisar como ocorre a participação das mulheres artesãs no mundo trabalho na cidade de Parintins, partindo das seguintes problemáticas: como essas mulheres se enxergam em relação a sua participação na produção artesanal? Como se estabelecem as teias inscritas nas relações socioeconômicas as quais essas trabalhadoras estão entrelaçadas? Como seus produtos são comercializados na cidade, antes, durante e depois do Festival Folclórico de Parintins?

Para tanto, lanço mão de fontes narrativas, em paralelo às fontes impressas e iconográficas. Os pressupostos metodológicos para esta investigação histórica serão os que fundamentam a História Oral. Nessa medida, a pesquisa parte da oralidade na perspectiva de reescrever uma narrativa histórica desde baixo. Desta forma, faz-se necessário dizer que nesta pesquisa pretende-se elucidar a trajetória das mulheres artesãs, nas décadas de 1980-1990, focando as relações socioeconômicas e culturais, averiguando como se apropriam da cidade através da sociabilidade que rege o cotidiano do trabalho artesanal.

Por que pesquisar sobre as artesãs?

Quando delimito o período (1980-1990) insiro esta investigação histórica no âmbito da História do Tempo Presente. “E o tempo da história, [...], é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade”. (BLOCH, 2001, p. 55). Nessa medida, a problemática deste projeto, relacionada a verificar o trabalho feminino no ambiente de uma cidade amazônica, inscreve-se em uma temporalidade onde transformações de ordem social, política e cultural estavam ocorrendo em todo o Brasil. Por outras palavras, os anos de 1980 e 1990 revelam acontecimentos decisivos para se compreender as mudanças que ocorreram no mundo do trabalho na recente História do Brasil.

Compreendendo que o presente é herdeiro do passado, é pertinente pensar que as lutas sociais e políticas ocorridas na conjuntura recortada por este projeto nascem das culturas de lutas, gestadas desde os tempos do regime civil-militar. Ora, contrapondo-se a todo um sistema de opressão fez-se necessário a composição de seguimentos de esquerda no cenário político nacional. Posto que:

Entre o golpe de 1º de abril de 1964 e a edição do Ato Institucional nº 5 (AI-5, de dezembro de 1968), o fenômeno mais importante no campo da esquerda brasileira foi sua diversificação. E, nos dois/ três anos imediatamente posteriores ao AI-5, essa diversificação precipitou-se numa verdadeira pulverização da esquerda orgânica, concomitante a sua quase ligação pelo aparelhamento repressivo da ditadura. (NETO, 2003, p. 222).

Nessa perspectiva os movimentos políticos que se organizaram nessa conjuntura buscavam reformas sociais e protestavam contra as estratégias estruturadas para interromper o processo democrático. É possível afirmar que certos partidos revolucionários dessa ocorrência se colocaram do lado dos trabalhadores como, por exemplo, o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT). Paralelo a isso, a esquerda orgânica brasileira que se resumia praticamente no Partido Comunista Brasileiro, que se organizou na ilegalidade desde a renúncia do presidente da República, Jânio Quadros, contribuiu com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), organizando movimentos, operário sindical, cuja expressão principal girou em torno dos trabalhadores.

Acerca do processo de redemocratização do Brasil, são fecundas as reflexões de Tarcísio Costa (2003). Ao investigar a política brasileira nos anos 90, através da análise dos discursos e prática dos presidentes pós-ditadura civil-militar, verifica-se o caráter dos projetos políticos que regeram os governos durante os anos de 1980. Desde 1985, o Brasil vivenciou transformações significativas.

Os movimentos sociais recrudesceram, partidos, antes ilegais, saíram dessa condição e as circunstâncias políticas possibilitaram a criação do Partido dos Trabalhadores – PT, fruto da educação política atrelada a seguimentos da Igreja Católica e das greves organizadas a partir do novo sindicalismo, relativamente oposto a concepção de sindicato herdeiro do Estado Novo (1937-1945). Nesse período foi retomada a prática da eleição direta para presidente da república depois de quase trinta anos, ocorreu também a participação crescente da população nos debates políticos, que teve seu marco nas “DIRETAS JÁ!”. Protagonizada pela população perante o exercício constituinte que se esperava inovação no plano político devido a situação econômica.

Nos anos de 1990, alimentou-se a esperança que a política e a economia estabeleceriam uma mesma direção na questão da consolidação democrática que se estabilizaria em conjunto com a moeda, segundo o novo modelo de desenvolvimento, mas não se pode esquecer que durante a Nova República o reconhecimento da estabilização econômica só acabaria com equacionamento das crises fiscais e financeiras do estado que estava exigindo mudanças no padrão de desenvolvimento. O estudo,

preliminar dos referidos pesquisadores brasileiros, oferecem determinadas chaves para se interpretar, por um lado, a formação de segmentos políticos de esquerda que, de certa forma, culminariam na criação de partidos políticos diretamente relacionados com as formas de luta das classes trabalhadoras, por outro lado, fornecem condições de possibilidade para buscar prévia compreensão da conjuntura política e econômica na qual os anos de 1980-1990 estão inseridos.

Devido a isso, tento compreender a situação política e econômica da cidade relacionando com os acontecimentos que a ilha estava enfrentando, busco em recortes de jornal notícias encontrados na rádio Alvorada o “Novo Horizonte”, a possibilidade de compreender a situação da população.

Em 21 de setembro de 1997, o jornal Novo Horizonte trazia a seguinte informação:

Quem vier a Parintins vai ouvir pelos quatros cantos da cidade uma choradeira sem fim. Não tem emprego. Não circula dinheiro em no município. A prefeitura não está comprando do comercio local. O interior está abandonado e a fome é uma ameaça constante. Aos poucos, sem que percebam, a nossa realidade denuncia a aproximação da miséria. Não é uma radiografia das ruas que chega diariamente à redação em forma de apelo, denúncias reclamações e sobretudo questionamentos.(Jornal Novo Horiozonte, n°176, p. 7. Parinins não pode parar, 21 de setembro de 1997).

O trecho tirado do jornal mostra que o município está reclamando por falta de emprego de investimentos do Estado que não estavam se mexendo para mudar a real situação de Parintins desde a falta de deposição do prefeito da época Raimundo Reis e o governo do Estado, ocasionando dificuldades e gerando pobreza, por causa da falta de recursos e planejamento para o crescimento e desenvolvimento da região. Por isso se agarravam unicamente nos três dias do festival folclórico na tentativa de promover uma região turística geradora de renda para aquecer a economia local.

O conceito de artesanato e sua produção na cidade de Parintins

O artesanato não é que ele vai mudando. Ele que vai se desvalorizando. Cada ano que passa ele vai perdendo seu valor infelizmente!. Aí pra ti continuar no ramo tu tem que ir inovando, criando para ver se você chama atenção e ver se tu mantém aquele preço, se tu conseguiu um preço alto melhor ainda. Mas é consequência disso da desvalorização. (Siomar Basto da Silva 53 anos, artesã).

Neste contexto podemos perceber através do relato de dona Siomar como acontece desvalorização do artesanato em Parintins, em decorrência dos fatores econômicos a falta de investimento no artesanato pelas vias políticas e cultural da cidade. Observa-se as

mudanças que os artesãos fazem nas pinturas nos formatos e a sua preocupação com os acabamentos de determinados objetos para chamar atenção do público para que comprem seus produtos e paguem o preço devido pela confecção da peça na qual ele teve o trabalho de produzir para mostrar sua criatividade. Deparei-me com um antigo dilema, relacionado a confecção do artesanato, antes objeto produzido manualmente era percebido pelo olhar de quem comprava determinada peça como se fosse inferior e não tivesse, o mesmo valor se estivesse numa loja ou galeria e sido trabalhada por u artista. Portanto coloca-se a questão sobre a repetição e criatividade onde se criar uma disputa entre artesão e artista que vem desde o período passado, compreender porque ainda se tem certa discriminação em relação ao artesanato.

A partir disso Neto (2011) faz um percurso pela Antiguidade Clássica mostrando que o homem que trabalhasse como as mãos era tratado com inferioridade que a palavra arte na língua vulgar está relacionada a trabalho manual que se dividia em duas categorias onde o primeiro se encontrava as artes liberais aonde o principal instrumento era o livro. O segundo ponto as artes mecânicas que indicavam as artes manuais que se encontrava as belas artes onde tinha grande importância já que as atividades ligadas aos livros só eram destinadas aos poucos intelectuais.

A arte surge com novo sentido distinguindo do artesanato, apesar que até no século XIV os eruditos não eram diferenciados dos artesãos, quando se chega no século XV as artes liberais têm uma ruptura com a arte mecânica dando ao primeiro uma importância maior. Na Renascença que ocorreu uma reivindicação do tanto de artistas, pintores, entre outros que queriam elevação de categoria, pois consideravam o artista superior ao artesão porque primeiro eles desenhavam tinha todo aparato mental para poder chegar a mandar esculpir seus produtos, tornando o trabalho manual inferior sendo tido como mera reprodução do cotidiano. Apesar do artesanato ser visto como uma prática inferior sua relação com arte só ocorre na Idade Moderna a partir do Renascimento justamente com a cisão de trabalho entre ambos na construção de templos e igrejas que começa a se dá mais visibilidade ao artista que começa a deixar o canteiro de obra para dá espaço a seu atelier surgindo uma nova hierarquia entre ambos.

Neste sentido, a palavra artesanato desde esta separação sofre certo preconceito, sendo considerada trabalho inferior por não ter a fineza e nem um conhecimento intelectual. Neto (2011), afirma que ruptura entre o prática e o intelectual é criticada por certos autores, pois, quando relatam sobre o saber tradicional revela-se uma discriminação sendo até classificado, por não ser considerado um saber científico,

fazendo parecer que o popular é algo inferior, tirando toda a importância da produção manual para as pessoas que vivem da produção do artesanato. Com isso não se pode esquecer que ambas fazem parte um mesmo processo de criação que de forma diferente representa a cultura de determinada sociedade onde está inserida.

O artista e artesão se diferenciam no modo como produzem seu trabalho, pois o artesanato é considerado uma parte técnica e repetitiva uma mera reprodução do ambiente onde se encontra o indivíduo que pelo meio da tradição, vai passando sua habilidade. Desta forma a arte se torna algo técnico, talentosa, estética. Suscita os sentimentos do artista.

O conflito existente entre a repetição e a criação que gera possibilidade da revelação do objeto artesanal, quando passa a ter reconhecimento da demonstração cultural exercida na sociedade a partir do trabalho manual. Porém, se considerar o artesanato uma incorporação da arte onde a repetição mostra a expressão artística do artesão que se concretiza a partir da técnica aprendida e passada de geração sem perder sua áurea como indica Walter Benjamin (1969) que com o início do capitalismo gerou algumas transformações com tendências mecanizadas modificam a essência de um objeto artesanal fazendo que determinada confecção, por mais que fossem criadas e depois replicadas, por ser feita manual sempre teria uma caracterização própria. A tecnologia que surge não assegura a essência da arte, pode até capturar como ela mostra com surgimento câmera fotográfica, mas sempre será desfocada, pois não permite capturar o significado e o sentimento real de uma obra.

Para entender como é produzido o artesanato da cidade de Parintins, faço esse percurso histórico para compreender como se originou o artesanato, porque ainda nos dias atuais pode-se perceber a sua desvalorização que ocasiona certa dificuldade para ser considerado um produto de valor para mercado do consumo.

De acordo com o IBGE³, a cidade de Parintins fica localizada a margem direita do rio Amazonas em uma área distante de Manaus Capital do Estado a cerca de 370 km em linha reta 420km, por via fluvial, tem uma população de 102.003 habitantes. Esta região apresenta uma grande importância, tanto cultural como econômica para as pessoas que vivem na região, pois se tornou referência atrativa, com a incrível capacidade de trazer,

³ Disponível em: <<http://cod.ibege.gov.br/2VV7H>>. Acesso em 24 de novembro de 2017.

turista de outras regiões e países para assistir à apresentação da disputa dos bois Garantido⁴ e Caprichoso⁵, se destacando pela sua manifestação cultural, que acaba divulgando a cidade e fazendo com as pessoas, fiquem instigadas a conhecer a ilha de Parintins. De acordo com o autor abaixo:

O Boi-Bumbá de Parintins adquiriu condição de festa popular da Amazônia porque agregou bens simbólicos e matérias correntes na região, porém adequando-os a modelos já consagrados no mercado, principalmente ao do carnaval carioca (fantasias e alegorias e personagens que ressaltam um determinado padrão de belezas e costumes conhecidos nas audiências (NOGUEIRA, 2008, p. 96).

Na perspectiva que está sendo apresentado o Festival Folclórico de Parintins, revela-se como a festa se tornou uma brincadeira voltada para o mercado e o lucro, deixando de lado seu costume e incorporando novas práticas no seu cotidiano, fazendo com que a população começasse a se transformar, visando novas práticas inovadoras não somente no comércio, mas, a partir disso temos o artesanato que é produzido na região que surge devido a apropriações culturais que com a divulgação na mídia que transmitir o Festival de Parintins para todos os lugares ganhando até patrocinadores para investir no evento.

Desta forma o artesanato surge devido as praticas culturais onde o artesão esta envolvido em decorrência da falta de emprego e enxegar nesse saber uma formar de ter um emprego que mostrar o cotidiano da cidade a partir de seus produtos.

O artesanato traz consigo a expressão e criatividade do artesão e da artesã parintinense, que ao produzir suas peças retratam paisagens significativas da ilha e da própria vida do ribeirão, os ícones do festival, a figura dos bois Garantido e Caprichoso, Cunhã-Poranga, Rainha do Folclore, entres outros que compõe a festa. O artesanato gera renda para as pessoas envolvidas com esse trabalho. Nesse sentido, ocorre à busca na aprendizagem desse ofício, é também um trabalho familiar, proporcionando a partir do artesanato uma nova forma geradora de emprego não só nos dias do Festival Folclórico de Parintins, mas em outros períodos, pois, os objetos de arte são vendidos com relativa frequência para turistas (brasileiros e estrangeiros), assim como para os comerciantes da cidade.

⁴ Boi Garantido é representado pela cor vermelha que compete anualmente no Festiva de Folclórico de Parintins.

⁵ Boi Caprichoso é representado pela cor azul que compete anualmente no Festiva de Folclórico de Parintins.

A análise deste trabalho começa a partir de duas Associações: Marie Mendes que fica localizada na frente da cidade na subida do porto de Parintins e a ASFAPIN que não tem sede própria, mas se comunicam por celular para marcar encontros, principalmente, quando chegam os navios turistas na cidade. Quando fiz as entrevistas surgiram algumas indagações: tentar compreender o que é de fato ser um artesão e a influência do festival na vida dessas pessoas, para tentar mostrar como ocorre o desenvolvimento do artesanato em Parintins. Vejamos o que diz Davi Silveira de Oliveira, 40 anos.

Tem gente que trabalha com... Com as lembranças né que são as raízes né aí são feitas do molongor⁶ né. Que são feitos os pássaros aí são pintados são confeccionados para poder a pessoa é fazer os modelos né, os tipos de peça né, por exemplo: aquele pássaro na nos, galhos de tipo de galho árvore né, outras em cipó né. É trabalhado né é feito devido a diversidade de material né de entalho né, desse entalho ai que são feitos, trabalhado também né. (Davi Silveira, artesão 40 anos).

O artesanato compreende toda produção e transformação de matéria-prima e pode ser percebido na fala do senhor Davi a forma de material que aproveitam que se usa para criar o objeto, utilizo o relato de um homem para mostrar a relação entre ambos os sexos que estão envolvidos na confecção artesanal que é resultado da dominância manual feita pelos indivíduos que tem a agilidade e domínio absoluto sobre as técnicas, partido da criatividade, habilidade que é resultado de toda técnica apreendida ao longo da sua vida que mostrar a destreza, paciência e principalmente dedicação naquilo que eles fazem, pois, o trabalho com artesanato não é fácil tem que ter muita sensibilidade ao produzir um objeto.

Essa prática é passada de geração pelos artesãos mas experientes que dominam todo o ofício de produção sobre determinado objeto artesanal a partir da modificação das matérias-primas que resulta de todo trabalho manual feito pelo artesão individualmente ou coletivamente utilizando matérias como ferramentas, artefatos e utensílios, rudimentares que podem ter ajuda de alguns aparatos tecnológicos. Sua criatividade de trabalho gera renda tanto para sua família como para outras pessoas que queiram aprender o saber, proporcionando, a partir do artesanato, uma nova forma geradora de emprego não só nos dias do festival, mas fora dele, pois podem vender para outras localidades e para os comerciantes da cidade os produtos de matérias primas típicos feitos com madeira, cipós, ossos para produzir, brincos, colares e pulseiras para enfeitar os turistas e a população local.

⁶ Madeira muito macia e por isso ideal para artesanato e escultura.

O desenvolvimento do trabalho do artesão na cidade proporciona os mais diferentes tipos de produção confeccionados pelo povo daqui, e vindos das proximidades que contribui para enriquecer as mais variadas técnicas de produção, já que o povo da região é conhecido pelas suas práticas que se aperfeiçoam a cada ano, sem ter feito qualquer curso ou algo do tipo para aprender, pois já domina empiricamente a confecção do objeto. Isso ocorre através de erros e acertos, e partir da curiosidade de quem produz, ganhando habilidade e aperfeiçoamento com o passar do tempo. Podemos verificar isso na fala do artesão que busca em seu relato mostrar como funciona esta relação.

É trabalhado né, é feito devido a diversidade de material né de entalho né, desse entalho aí que são feitos, trabalhado também né. Tem pessoal daqui, não é só daqui né tem pessoal da valeria também trabalha né, com negócio de entalho né, tudo pessoal valeria quase. Não é só da daqui de Parintins, tem alguns aqui, mas a maioria do pessoal mora para lá. Já o pessoal que trabalha com as painéis de barro vem do mocambo né. Já é. Porque são muitos artesões né, cada um tem seu jeito de trabalhar né, as vezes trabalha com madeira também, mas é um diferente do outro, nada é muito igual né, mas diferenciado né. Por isso tem a diversidade de material né, porque tem muitos artesões. (Davi Silveira, artesão, 40 anos).

A partir da percepção do artesão podemos ver a diversidade de lembranças que são produzidos dentro e fora da cidade, de suma importância, pois são poucas as pessoas que realmente sabem de onde vem certos produtos, os turistas imaginam que tudo é confeccionado dentro da cidade, mas temos muitos produtos que chegam da Valéria⁷, Mocambo⁸. Então o artesanato representa por meio de sua arte o que o povo sente. Sua expressão está marcada pela diferença de técnica e pelo uso diversificado de material que, quando apropriado por esses mestres, são transformadas em artesanatos.

Nessa perspectiva não podemos deixar de lado que o artesão, ainda é visto como uma figura marginalizada, pois, tampouco, tem amparo da lei ao seu lado, se tornando um trabalho informal, existem artesão que trabalham individualmente: por sua própria conta se desdobra em dois para vender seus produtos, fora estes grupos tem outros que são associados que se reúnem com diferentes pessoas que acabam trabalhando com sua família para sustentar a renda da casa.

Isso mostrar que os artesãos da cidade vivem na informalidade sem ter seus direitos garantidos tornando o artesanato sua principal fonte de renda aonde produzem e vendem pessoalmente seus produtos, articulando preços que muitas das vezes, quem

⁷ Conhecida como Santa Rita de Valéria, a margem direita do rio Amazonas a leste de Parintins, distância 52km da sede municipal via terrestre e 4 horas via fluvial.

⁸ Distrito do município de Parintins, possui cerca 9 mil habitantes, está situada a região oeste do município.

comprar quer sempre um preço inferior ao valor do trabalho demandado. Mas, por necessidade, acabam vendendo por menos preço seus produtos.

Os turistas que visitam Parintins nos períodos de navios trans-atlânticos buscam conhecer a cultura da cidade e principalmente os bois garantido e caprichoso essa temporada se inicia em setembro, outubro, novembro, dezembro, podendo se estender dependendo das rotas de viagens destinadas a conhecer a região da Amazônia e o nosso local, se alongando de janeiro, fevereiro, março, abril praticamente de oito meses vindo a cidade muitos deles para conhecer pela primeira e outros que retornam juntos de amigos e familiares para mostrar a terra onde acontece o festival.

Podemos perceber no falar dos artesãos que os navios de turistas não estão contribuindo para economia da cidade, que os efeitos da política estão atingindo a todos até causando prejuízos, pois muitos destes artesãos pagam as barracas no porto para poder vender seus produtos. Quando não conseguem vender tem que pagar a barraca tirar do próprio bolso para levar suas mercadorias de volta para casa.

Esse ano aqui da crise pegou todo mundo, até que ano passado a crise não tava a crise tava chegando o final do ano ela chegou. Porque a gente pega do final do ano pro começo do ano aí que a crise deu né. Mas ano passado até março ela ainda foi melhor na venda, não se comparar do que a gente vendeu agora, do que a gente vendeu ano retrasado né. (Davi Silveira, artesão, 40 anos)

Para essas pessoas isso traz desvalorização do seu trabalho, porque tem turistas e gente da cidade que não querem dar valor aos objetos produzidos pelos artesãos, pois leva tempo para serem confeccionados cada peça e o material muitas vezes não tem na cidade e tem que pedir de fora por isso que as vezes o produto não pode ser vendido a preços menores, e tanto turistas como comerciantes que querem comprar os objetos tentando estipular um menor valor que muitos artesões não aceitam acham caro porém não sabem o custo de cada material.

O material usado pelo artesão no seu trabalho é caro, principalmente as penas que vem de fora para produzir brincos e tiaras, por isso não podem vender a preços inferiores, as sementes são conseguidas pela região, além de comprar tecido, cola, são produtos com preços altos que encarecem o produto final.

De acordo com artesã Valda o texto abaixo mostrar como ocorre a relação econômica depois que finda a festival.

Olha agora por exemplo. Agora mesmo, posso falar. Tipo assim, agora. Eu por exemplo: eu passo. Termina o festival aí eu pego o dinheiro do festival né, eu pago minhas contas, pago lojas que eu compro com tu sabe trabalha já devendo aí o que acontece eu pego a mercadoria que eu tenho. Eu tenho uma mercadoria no valor tal aí já tô devendo. Para quando for dia 02 de julho que passa o festival pego minhas contas eu vou e pago. O que sobra eu consigo fazer

alguma coisa e guardo o resto para mim viver o ano todo. (Valda Nogueira, artesã, 40 anos)

Com isso podemos ver que essas pessoas que trabalham com o artesanato vivem em constante luta para ganhar seu espaço, sendo que muitas vezes não recebem ajuda e apoio do município, do governo do Estado, e muitas vezes nem do Ministério de Cultura, sofrendo com a carência de políticas públicas voltadas para a sua área de trabalho. Estas também não recebem apoio das Associações Folclóricas dos bois azul e vermelho, apesar de ter o festival um grande contribuidor, mas somente em poucos dias, quando vendem seus objetos de arte. Mas após isso, precisam procurar um espaço fora da cidade para garantir sua renda fora do período do festival. A imagem abaixo mostra os turista comprando e tirando fotos com os produtos artesanais da cidade.



Imagem 1: Turistas em Parintins
Fonte: Floriano Lins Anselmo, 2016.

Trajectoria histórica de mulheres artesãs em Parintins

É tipo assim. Eu comecei com artesanato através do meu marido né. Desde de quando me casei então é uma tradição da família dele, já vem de pai para filho, neto e já chegou até nos dia de hoje. Tudo que eu aprendi foi com ele. Como é que se diz? tipo assim em casa. É como um trabalho em casa no caso é? Eu sou daqui de Parintins mesmo nasci e cresci aqui mesmo, nossa coisa de trabalho é aqui. tipo assim de trabalho. Lá em casa a gente trabalhar meu marido fica mais na parte difícil que é no caso de talhar eu entro, mas na parte da pintura, costura, pela amanhã eu fico aqui, a tarde eu fico em casa direto trabalhando. (Valda, artesã, 40 anos)

O relato de Valda mostra como ocorre as trajetórias das mulheres no processo artesanal em Parintins, algumas aprenderam olhando e depois com o tempo até ensinam seu trabalho ao parceiro, outras tiveram o marido como seu “professor”, que passaram este conhecimento sobre a produção manual e a confecção destes objetos artesanais para contribuir com a renda familiar. Ao propor esse tema de pesquisa, imaginei que ocorria

uma disputa de espaço entre homens e mulheres, porém, verifiquei que tudo está relacionado numa estrutura familiar.

De certa forma, a figura da mulher que fica perceptível na produção artesanal, ganhando espaço onde somente se tinha imagem masculina como principal protagonista. Por isso, penso ser crucial elucidar o trabalho feminino nessa investigação histórica. Baseado em Alessandro Portelli, pretendo construir um conhecimento no qual o poder dos invisibilizados venha à tona, pois, a história oral pode se tornar um véis de poder. Usando os depoimentos das mulheres trabalhadoras, acredito que estarei oportunizando a narrativa de suas histórias, desde suas memórias (PORTELLI, 2010).

Dai recorrer à oralidade:

Eu adoro o que eu faço a arte para mim é maravilhosa entendeu. Cada dia que passa eu crio algo quando a gente tem vontade e é um artesão nato que tem vontade mesmo faz entendeu faz mesmo por prazer. Tipo assim eu sou uma pessoa que ah!. Eu vou fazer sem peças tudo para mim e no milheiro. Fazer mil desse, mil daquele entendeu. Pra mim, um dia desses uma moça veio aqui conversar sobre arte comigo aqui disse que eu me considero a imperatriz do artesanato eu amo artesanato. (Kátia da Silva Brito, artesã, 35 anos)

O artesanato gera renda para as pessoas envolvidas com esse trabalho, mas também traz orgulho e muito e prazer para quem o faz isso e percebido na fala acima dito pela artesã kátia que se identifica como a imperatriz do artesano. Tomando como referência as análises de Certeau sobre o denominado “homem ordinário”, busco compreender como as trajetórias históricas se reconstróem a partir de vivências ordinárias, nos processos de ressignificação da cultura, muitas vezes, impostas por um sistema de opressão física e simbólica. Para o mencionado pesquisador “(...) o enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento. ” (CERTEAU, 2008 p. 63).

Desta forma, Certeau investiga no bojo do cotidiano as transformações culturais no perpassar do tempo histórico. Chave para, através da minuciosa análise das fontes, verificar como as artesãs de Parintins se apropriam da cidade, inaugurando, assim, lugares de resistência. A imagem a baixo reproduz o trabalho familiar em Parintins.



Imagem 2: Produção artesanal para o Festival.
Fonte: Acervo Pessoal, 2017.

Nesse sentido, ocorre a busca na aprendizagem desse ofício, é também um trabalho familiar, proporcionando a partir do artesanato uma nova forma geradora de emprego não só nos dias do Festival Folclórico de Parintins, mas em outros períodos, pois, os objetos de arte são vendidos com relativa frequência para turistas (brasileiros e estrangeiros), assim como para comerciantes da cidade.

O trabalho da artesã na cidade varia de acordo com seu domínio em determinado produto tem mulheres com rapidez e experiência na confecções diferentes artesanatos, que contribuem para enriquecer as mais variadas técnicas de produção, e ensinam seus filhos o processo de produzir o artesanato até o acabamento final, através de erros e acertos da mesma forma que ela foi ensinada . Nesse sentido, o ofício se aperfeiçoa com o tempo. No relato de Ana podemos perceber certa recusa em se reconhecer como artesã.

Há o que eu faço tipo é a finalização do serviço, tipo de fixação, ornamentar dá um retoque ali. Da uma opiniãozinha se tá bom aqui. Como te falei eu não sou artesã só pego as últimas partes do serviço, lixar colocar a barra e ornamentar. (Ana Lima, artesã, 28 anos)

Algumas dessas mulheres que entrevistei não se reconhecem como artesãs pelo fato de enxergar somente o trabalho de seu marido com principal (com quem elas foram iniciadas na profissão). Ao lado disso, outras mulheres se identificam como trabalhadoras artesãs. Com isso busco nos relatos dessas mulheres problematizar o protagonismo feminino no mundo desse trabalho.

Estudar as histórias das mulheres é conhecer o campo onde a luta feminina está sempre pautada no seu reconhecimento tanto intelectual, pessoal e sexual, pois sua figura sempre foi marginalizada e muitas dessas mulheres acabaram não se enxergando como

protagonistas de sua história. Logo, se reconhece que a artesã tem uma participação ativa no artesanato e, nestes casos, está sempre junto com seu marido na preparação dos objetos, mas muitas vezes não se enxerga como protagonista, afirmando somente gostar da ideia de ajudar o parceiro, mas sem ter que se expor. No texto *A mulher Existe*, fica muito claro essa negação, neste caso, sobre o trabalho no seringal, a sociedade nunca imagina que a mulher possa fazer o mesmo trabalho que o homem e a própria mulher se anula muitas vezes por vergonha ou por achar que só está ajudando o marido (ALVARES; D'INCAO, 1995, p. 107).

Esse preconceito a respeito da condição feminina no artesanato não é percebido em Parintins, essas mulheres são independentes tomam afrente do trabalho artesanal além de cuidar da casa dos filhos sempre estão disposta a aprender e ajudar sua família a prosperar no saber que lhe proporciona seu sustento, apesar de algumas mulheres não considerarem sua participação no artesanato importante elas tem um papel fundamental tanto na educação dos filhos como na administração da renda da casa.

Dessa forma as mulheres lutam desde o início para ter seu direito garantido e reconhecido pelo seu trabalho não mais como uma figura atrelada ao homem, mais sim, uma mulher independente, que a partir de ações femininas contra o patriarcado e a sociedade que resistem para conseguir seu direito de ganharem igual ao homem, também de exercer o direito sobre sua escolha e sua independência para administrar sua própria vida. Utilizo as fontes iconográficas para mostrar o ambiente onde estas mulheres trabalham e até confeccionam seus produtos. Valda Nogueira Azevedo que aparece na imagem abaixo, relatando sobre a forma como produz o seu trabalho na qual ela tem mais habilidade de fazer.



Imagem 3: Valda Nogueira em seu local de trabalho

Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Uso a imagem de dona Valda para mostrar seu local de trabalho no Marise Mendes onde são confeccionados e também vendidos seus produtos de artesanal, segundo artesã esta neste local a bastante tempo é um pequeno box onde ela deixa amostra seu trabalho e os diversos objetos desde brincos de pena, boizinhos e etc. Quando não tem muito movimento fica produzindo para que não falte artesanto para mostrar para seus clientes.

Os boizinhos eu consigo. Tudo eu sei fazer, mas o que eu pego do começo ao fim para mim fazer são os boizinhos. Eu talho, eu pinto, eu costuro, eu vendo. É minha... Eu faço de tudo, mas o que eu pego que é 100% se eu pegar para mim fazer eu faço direto é o boi. Os boizinhos. (Valda, artesã, 40 anos).

Por meio das fontes orais percebe como é feito o trabalho artesanal e devido a ele se torna a única fonte de renda delas e por nunca terem tido um emprego de carteira assinada. A sobrevivência, portanto, vem do artesanato onde garantem o sustendo da família e a educação dos filhos. Afirmam que “tudo que elas conseguiram se deve ao artesanato”. Por isso, o saber é ensinado e aprendido através de gerações familiares. Na perspectiva de manutenção e reinvenção dessa tradição.

Em suma, a investigação histórica proposta através desse trabalho, reforçando o que foi dito acima, pretendeu buscar a compreensão das transformações históricas de mulheres diretamente ligadas ao trabalho artesanal. Averiguando qual o lugar do artesanato feminino na cidade de Parintins; verificando, paralelo a isso, as formas de articulação e organização nas quais essas mulheres se inscrevem; qual o lugar do artesanato produzido pelas mulheres no bojo do Festival Folclórico de Parintins.

Desta forma analiso a história das artesãs e procuro verificar as relações gênero no trabalho e podemos ver que tem uma cumplicidade entre ambos:

A gente se dá bem graças a Deus. A gente trabalha e a gente consegue encaixar trabalho e família nunca tive essa desunião sempre a gente tem uma parceira muito boa entre marido e mulher em nosso a serviço graças a Deus sempre deu certo. Ele não tinha emprego, quando eu conheci ele né. Ele trabalhava em outras coisas, tipo assim, pro outros trabalhando. Ai a partir do momento que a gente se casou, foi morar junto, aí a gente começou a trabalhar junto vendendo pro outros e fazendo encomenda e tal. Até que a gente consegui esse espaço aqui. ai a partir do momento que a gente consegui esse espaço aqui a gente continuou vendendo bem pouco entendeu, aí a gente fica direto vendendo aqui mesmo. (Valda, artesã, 40 anos)

É possível perceber no relato da artesã a relações de gênero no mundo do trabalho com artesanato na cidade. Porém, compreende que em Parintins se tem uma forma de trabalho coletivo familiar que tem a participação de todas as pessoas da casa, por mais

que essa mulher esteja em alguma associação ou trabalhando por conta própria, suas tarefas estão relacionados ao seu marido e filhos na hora de confeccionar seu produto em grande quantidade porque se torna o artesão sua principal renda muitas dessas mulheres se casaram cedo, e por não terem experiência em outro ramo, encontram a oportunidade para aprender um saber no artesanato, outras aprenderam somente olhando a fazer depois de pegar a prática ensinaram seu marido podemos ver que existe uma troca de experiência com quem trabalha com artesanato ambos os sexos contribuem para o crescimento um do outro.

Dessa forma, esta união proporciona um compartilhamento de conhecimento que vai sendo passado de geração pelas próprias pessoas da família gerando renda, pois quando se tem muita encomenda, cada membro que tem conhecimento de como confeccionar o objeto fica responsável a produzir algo, para quando chegue o período do festival tenha produto para vender sem deixar de entregar as encomendas que são feitas por comerciantes locais e pessoas de fora que tem interesse no artesanato, contribuindo desta forma com a renda familiar. Dentro disso as mulheres ainda no período festival reivindicam espaço com pessoas de fora para vender suas confecções.

No período do festival podemos perceber a luta das mulheres para ganhar seu espaço no período da disputa dos bois e as transformações que ocorre na cidade. De acordo com o a nota do jornal *Novo Horizonte*:

Na perspectiva de faturamento no período do Festival Folclórico de Parintins muitas vendedoras mudaram os cenários de praças no município. Uma das que ficou completamente tomadas pelas barraqueiras de outras cidades, foi a Praça da Prefeitura. Aqui nos últimos dias do mês de junho, muito colorido artesanato e demonstração de criatividade dos artesões que vem de fora do Município. Estranhou-se que os próprios artesões de Parintins não estivessem colocando seus dotes em forma de trabalho que passam ser comercializados mesmo que para os vendedores de outras cidades, que chegam todos os anos para montarem seus stands em locais cedidos pelo município. (Jornal Novo Horizonte, nº 316, 02 de julho de 200, p.7. Vendedores mudam cenário de praças).

De acordo com que está sendo mostrado, no período do festejo a cidade muda de aspecto devido à realização do Festival Folclórico de Parintins que movimenta o comércio que contribui com a renda dos vendedores informais e com as artesãs principalmente porque as praças se enchem de barracas, onde as mulheres tem que garantir seu espaço justamente por causa das pessoas que vem de fora e que chegam com produtos diferentes para cidade, acabando por tomar espaço das pessoas que moram aqui, já não existe uma fiscalização no sentido de dar preferência ao povo daqui, gerando certo desconforto entre as artesãs locais e os que vem de fora, pois elas não consideram

justo. Muitas mercadorias que vem não tem nada a ver com a nossa região, tem brinco de capim dourado, chifres de boi, copos, sandálias que não é produzido na cidade, não tem referência nenhuma com nossa cultura são vendidos como se fossem feitos pelo povo local.

Com isso, os próprios artesãos não buscam a valorização da sua própria arte porque a maioria do artesanato comercializado no período da festa do boi bumbá em Parintins era de procedência do Pará (Santarém), Maués e Manaus. Alguns até vendendo souvenir de Fortaleza (Ceará), que não tinham nada a haver com a temática do lugar. (Jonal *Novo Horizonte*)

Deste modo a artesã busca sempre a valorização do seu trabalho para que seu artesanto sempre tenha um acabamento perfeito para que seu cliente compre algo sempre bem confeccionado e que foi produzido por uma parintinense. Esse comentário mostrar que tem produtos que vem de outra regiões para serem vendidas no festival são mal trabalhados com um arremate feio que tira a credibilidade da imagem da artesã não se preocupa com a finalização de seus objetos. Por isso, tem artesãs que ficam chateadas com a falta de fiscalização e incentivo dos governantes da cidade em amparar as artesãs da cidade um exemplo que elas relatam quando a prefeitura disponibiliza a senhas para pegarem para terem o melhor lugar nas barracas muitas delas chegam cedo e enfrentam fila pegam as primeiras numerações e quando vão ver suas barracas estão sendo as últimas, dizem que existe tipo uma preferência com as pessoas de outra região. Essa querela suscita as reflexões do historiador Jim Sharpe, o qual trabalha com a perspectiva da história vista de baixo.

Os registros possibilitam a elaboração de narrativa a partir das vivências e experiências das trabalhadoras artesãs para compreender os lugares de sociabilidade e luta na conjuntura em que estão inseridas. Paralelo a isso, verificar suas articulações no campo das relações de produção, pois a história *vista de baixo* procura elucidar as histórias de agentes localizados nos setores mais baixo do quadrante hierárquico estabelecido pela estruturas social, onde estão as classes populares. Buscando, assim, elucidar as diversas formas de articulações para se garantir seus objetivos, mesmos aqueles mais imediatos (SHARPE, 1992), como, por exemplo, o fato das artesãs de Parintins reivindicarem seus espaços em calçadas para a venda da produção artesanal.

Com a citação abaixo podemos verificar o orgulho que essas mulheres sentem em trabalhar como artesanato por mais que exista dificuldades elas sentem prazer no que fazem.

Pra mim hoje o artesanato é minha vida eu não sei viver sem o artesanato, entendeu eu sou uma pessoa muito exigente eu quero crescer no meu

artesanato, entendeu. Pra mim eu digo que o artesanato é minha vida, eu não quero fazer outra coisa se não for o artesanato entendeu, Eu digo para meus filhos estudem vocês se formem mas eu vou morrer no artesanato. (Katia artesã 35 anos)

O artesanato para essas mulheres já faz parte da vida delas muitas delas relatam que é uma terapia, elas não sabem viver sem a produção do artesanato que quando estão confeccionados uma peça é como se estivessem em outro mundo, porque e na produção que muitas relaxam de suas frustrações e os problemas do dia a dia proporcionando uma atenção especial a cada objeto feito por elas. Essas mulheres que trabalham com o artesanato confeccionam para outras localidades para ter uma renda fora do festival e ganhar espaço no mercado como pode ser percebido na fala da artesã.

O artesão para se considerar artesão tem de fazer uma coisa bem-feita um produto bem feito para que as pessoas cheguem lá sabe. Olha! O Dissica esteve aqui e encomendou fico feliz que né que são 4 anos de parceria com a TV acrílica a Record que vinha encomendar 650 canetas para dá para 600 empresas do Brasil todo isso para mim é uma satisfação, porque eu vou à na casa do Gilberto e da Katia não por pena mas por acusa da qualidade do produto. (Katia da Silva Brito, artesã, 35 anos)

Com isso as mulheres que trabalham com o artesanato acabam sendo reconhecidas pelo seu trabalho manual em Parintins, por isso, a preocupação com o acabamento final do produto muitas dessas artesãs tem incentivo do SEBRAI. Como é o caso da dona Katia, em sua fala ela afirma que investe em capacitação, o que proporciona uma experiência diferente de se relacionar com seu clientes, ensinam sobre o custo dos materiais, como podem investir e lucrar. “Se o artesão quer ser uma artesão de sucesso eles tem de participaria de curso do SEBRAI que oferece curso e mais cursos sabe”. (Katia da Silva Brito, 35 anos artesã).

Isso possibilita as artesãs terem contado com diferentes experiências e podendo mostrar seu trabalho para outras localidades e divulgar a cultura da cidade representada pelos Bois Garantido e Caprichoso, e ajuda também e se reciclarem podendo ver outras formas de trabalhar com material reaproveitável como madeira, cipó, borra de café entre outros. E podendo ensinar também suas técnicas para outras pessoas, possibilitando a troca de conhecimento. Essa forma de trabalhar com fontes orais nos possibilita conhecer fatos que só podemos apreender a partir da fala da pessoa que concede a entrevista; sua trajetória de vida, os percursos ocorridos a partir das transformações sociais e culturais inscritas nas suas experiências vividas. Por meio das lembranças, abstraem-se as memórias. Assim a história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica

através da exposição lógica dos acontecimentos e das vidas do passado, desde a problematização das fontes narrativas.

Eu adoro o que eu faço a arte para mim é maravilhosa entendeu. Cada dia que passa eu crio algo quando a gente tem vontade e é um artesão nato que tem vontade mesmo faz entendeu faz mesmo por prazer(...) (Katia, artesã 35 anos).

Portanto, pensar a trajetórias das mulheres no mundo do trabalho em Parintins e fazer um percurso com relação a ajuda familiar que surge como a base principal na produção artesanal na cidade suas dificuldades econômicas na falta de incentivo dos órgãos governamentais em Parintins. Os navios de turistas que chegam em determinados períodos como uma forma de contribuir para renda dessas famílias, a satisfação de determinadas mulheres em se reconhecer como artesã e a forma como o artesanato é importante para vida dessas mulheres.

Considerações finais

Ao abordar a trajetória das artesãs do município, busquei trazer uma problemática acerca do trabalho que estas fazem no período do Festival Folclórico de Parintins, analisando as entrevistas feitas com elas e com artesãos, pude evidenciar que os processos que ocorrem com estes, no âmbito econômico, social, mas também na questão de gênero, problematizando a maneira que estas se inseriram neste mercado, ou e reconhecendo como artesãs ou não, se limitando apenas como assistentes de seus maridos, busquei enfatizar esta perspectiva através de fontes orais, com o uso das entrevistas com as artesãs e dialoga – las com autores que dialogam com a questão do trabalho da arte e a relação de gênero.

Também me embasei em fontes como matérias de jornal que mostram a concorrência com artesãos que vieram de outras cidades e até de outros estados, analisando o cenário econômico que o país viveu e que passa atualmente, onde este se inserem os artesãos, onde a concorrência afeta a renda deles, a conjuntura política que leva as medidas adotadas pelo governo e que tem como consequência o aumento da competição por mercado na época do festival, que é citado acima. Com isso, pode dá uma perspectiva que abre para a nova problemática, da questão do trabalho na época do festival ou na questão de gênero no período da festa.

FONTES ORAIS

Valda Nogueira Azevedo, 40 anos, autônoma. Entrevista feita por Bianca Repolho da Silva, realizada no dia 10 de abril de 2017, no seu local de trabalho, na cidade de Parintins; a gravação foi feita em áudio.

Davi Silveira de Oliveira, 40 anos, autônomo. Entrevista feita por Bianca Repolho da Silva, realizada no dia 10 de abril de 2017, no seu local de trabalho, na cidade de Parintins; a gravação foi feita em áudio.

Katía da Silva Brito, 35 anos. Entrevista feita por Bianca Repolho da Silva, realizada no dia 22 de junho de 2017, na sua residência, na cidade de Parintins; a gravação foi feita em áudio.

Ana Lima de Oliveira, 28 anos. Entrevista feita por Bianca Repolho da Silva, realizada no dia 17 de maio de 2017, na sua residência, na cidade de Parintins; a gravação foi feita em áudio.

Siomar Bastos de Oliveira, 50 anos. Entrevista feita por Bianca Repolho da Silva, realizada no dia 14 de abril de 2017, na sua residência, na cidade de Parintins; a gravação foi feita em áudio.

FONTES IMPRESSAS

Jornal Novo Horizonte, nº 176, 21 de setembro de 1997, p. 2.

Jornal Novo Horizonte, nº 316, 02 de julho de 2000, p. 7.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Maria Luiza Miranda; D' Incao, Maria Angela. **A mulher existe? Uma contribuição ao estudos da mulheres e gênero na Amazônia**. Belém: GEPEN, 1995.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Tradução de José Lino Grunnewald. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1969.

BLOCH, Marc L. B. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**; prefácio Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 55.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora vozes. 1. Ed, 2008.

COSTA, Tarcísio. *Os anos 1990: o ocaso político e a sacralização do mercado*. In: MOTA, Carlos Guilherme (organizador). **Viagem incompleta: A experiência brasileira (1500-2000): a grande transição**. – 3ª ed. – São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História Oral Novas questões novos desafios*. IN: Cardoso, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. (org). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

GINZBURG, Carlo. *Provas e possibilidades a margem de II Martin Guerre de Natalie Zemon Davis*. IN: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro história e outros ensaios**. Tradução de Antônio Narino. Lisboa: DIFIEL, 1989.

HOBBSAWM, Eric. J. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MULLER, Helena Isabel. *História do Tempo Presente: algumas reflexões*. IN: PORTO JR. Gilson (org.). **História do Tempo Prsente**. Bauru: Edusc, 2007.

NETO, Venâncio Freitas de Queiroz. **O artesão, o artesanato e a educação ao longo da vida: um olhar a partir do assentamento Palheiros III (Upanema/RN)**. Natal: Programa de Pós – Graduação em Educação/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas – Boi-Bumbá, Cirandá e Sairé**. 2008.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Mnemosine. Vol.06, n° 2, 2010.

_____. **O que faz as história oral diferente**. São Paulo: Proj. História, 1997.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. IN: BURKE , Peter (org). **A escrita da história novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP 1992.